



## Ander-Egg, o artista que esculpia nuvens

Ander-Egg, the artist who sculpted clouds

**Thauan José Pastrello Silva\***

 <https://orcid.org/0009-0004-4891-559X>

“[...] em diferentes momentos da tarefa de pensar e escrever este livro, achei o meu esforço pouco útil «Eu vejo o que vem e o que nasce» como escreveu Neruda, e nesta sociedade futura, o Trabalho Social profissional não será necessário. [...] entretanto, hoje e aqui, essa sociedade tem de ser construída, feita, realizada, e nessa tarefa, o Trabalho Social também tem o seu lugar e a sua função. Esta é a razão de escrever estas reflexões da minha acção neste campo [...]”  
(Ander-Egg, 1974, p. 254,).

**A**lgum dia desses, ainda no mês passado, estava conversando com Ezequiel Ander-Egg. Não, não o conhecia pessoalmente. Nós conversávamos pelos livros, e assim, através das gerações. Fomos apresentados um ao outro no decorrer do mestrado. Yolanda, quem intermediou essa amizade, o conheceu pessoalmente, dividiu mesas e travou debates. Da minha parte, tive tão somente — e não é pouco — alguns encontros bibliográficos, todos incríveis. A orientadora insiste, sorrindo: “E ainda dizem que escrever ou pesquisar é um ato solitário, vê só!”, pendendo a cabeça para os lados, alternando entre a negação e o desapontamento.

Tenho acordo com a sentença, a ratifico e complemento, como podem negar tais encontros, diante de ‘coincidências’ tão evidentes? Os pontos de encontro eram quase sempre os mesmos. Entre os corredores recuados das citações diretas, dentro do arqueado quase barroco das aspas, dando luz ao destaque indireto. Outras vezes, cercados por paredes mal

---

\*Assistente Social. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil). Assessor do Fórum Nacional de Secretários e Secretarias de Assistência Social (FONSEAS, Brasília, Brasil). E-mail: [thauan\\_jps@hotmail.com](mailto:thauan_jps@hotmail.com)

DOI 10.22422/temporalis.2024v24n47p425-429



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2024 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

revestidas, erigidas por colunas inexatas, sem condições de guardar sigilo; é um bom exercício da pesquisa, talvez fosse essa sua função. Nesse ponto de encontro ficávamos mais à vontade, desarrumados como fosse um esquizo, rabiscos, uma bagunça, chamávamos de fichamento, onde era livre exercer a crítica. E, assim que nota[va] estava agachado, rente ao chão — na altura do rodapé — era hora de ouvi-lo contar detalhes, as melhores histórias, sempre falando de alguém. Ali o autor se apertava, talvez para fazer com que coubesse tanta reflexão na memória.

Cada anotação no rodapé era antecedida numericamente, dispostas em ordem crescente. Em verdade, não ocorrerão novos encontros, menos ainda pessoalmente. Se não posso mais conhecê-lo como me parece tão presente? Mas é provável que me depare contigo em breve. Lá onde vocês repousam após nos ajudarem a cumprir exaustiva reflexão, no lugar de sempre, no final de tudo, ali atrás, no caminho de volta, a contrapelo da história, no nascedouro dos começos, nas referências. Parece que até que lhe escuto, mas sequer o conheço.

Ander-Egg é da cepa de Juan B. Barreix (1975), Boris Lima (1983), Leila Lima, Herman Kruse (1965), entre tantos<sup>1</sup>. Afeto-me diante das perdas, era um raro investigador, buscou explicações de Hamurabi e até nas culturas pré-colombianas na tarefa belíssima de perquirir, como diria o próprio Kruse, “nossas origens” (Kruse, 1994). Ou, nas palavras de Ander-Egg, das raízes do Serviço Social. Estava convencido que, entre as profissões, é do Serviço Social que “[...] se pode esperar o carimbo da humanidade” (Ander-Egg, 1985).

Aos 94 anos, o professor deixa um legado fundamental para o Serviço Social latino-americano e mundial, sobretudo para entender a, assim denominada, “*problemática de la reconceptualización*”. Parece consenso o reconhecimento de sua dedicação ao trabalho. A sua luta em defesa de um projeto de profissão e sua relação com a organização política de um projeto societário. Trabalhou para governos e instituições (UNICEF, por exemplo). Socialista do século XXI, chavista, construiu a União de Nações Sul-americanas (Unasur), na qual o Brasil (re)ingressou em 2023.

Em “El Trabajo Social como Acción Libertadora”, publicado em 1974, reuniu sua produção acumulada desde 1966. Pelo lapso temporal não queria publicá-lo pois, em 1971, aparentava curioso ressentimento, dizia que “havia decidido não escrever mais sobre Serviço Social” pois, segundo ele, era um ciclo fechado na sua vida. Para a editora ECRO, uma das maiores difusoras de sua obra, trata-se de “[...] um homem de pensamento e ação, comprometido com as batalhas de seu tempo e seu povo”.

No prólogo do mesmo livro, na 6ª edição (1974), estava com medo, corroído pelo “*signo da angústia*”, em razão do golpe militar no Chile (1973–1990). Suas análises conjunturais são sempre contagiantes e vividas, trazem a tensão e o conflito do contexto em que militava, escrevia e pesquisava. Seria impossível [e *blasé*] caso fosse o contrário, tendo em vista que atravessou, durante sua trajetória, o duplo fechamento autocrático do regime democrático

---

<sup>1</sup> Herman Kruse, do Uruguai; Natálio Kisnerman, Ezequiel Ander-Egg, Norberto Alayón, da Argentina; Leila Lima Santos, Consuelo Quiroga, Seno Cornely e Vicente de Paula Faleiros, do Brasil; Tereza Quiroz, Diego Palma, Luiz Araneda e Raul Castillo do Chile; Boris Alexis da Venezuela, Cecília Tobon e Jesus Mejia da Colômbia, Beatriz de la Veja, do México. A lista é imensa.

argentino (1966–1973 e 1976–1983), as ameaças de morte, fuzilamento e atentados do grupo paramilitar fascista argentino, a Triple A (AAA), grupo fundado por José Lopez Rega, ex-ministro do Bem-Estar Social de Juan Domingo Perón (!), que pertenceu à mesma frente popular da qual Ander-Egg era filiado.

Mas havia ainda o “*signo da esperança*”: viu Godard e o maio de 1968; e mesmo com “tanto mar”, sentiu o perfume dos cravos (1974). Estudou com Lévi-Strauss, orientou-se por Edgar Morin e foi um rapaz latino-americano convicto da urgência em compreender as particularidades do sul global e seu continente. Em vez de condecoração, foi consagrado como “ancião” por etnia indígena no México, avesso a vil metal. Expulso da Guatemala em decorrência política da atuação profissional no Programa Indigenista, dispensou os privilégios dos governos. Educador popular, foi morar com os indígenas, e talvez aí tenha entendido melhor sobre a formação social e as classes sociais em países “subdesenvolvidos”, descreve com rigor acadêmico notável “[...] os oligarcas dali são tão filhos da puta como os daqui e diziam: “Estes indígenas não querem trabalhar”, e eu os respondia: “Como irão trabalhar se têm fome?”. Então, claro, a oligarquia me viu com maus olhos (Ander-Egg, 2014). Em duas pequenas linhas, com ajuda de Neruda ratifica os princípios de seu projeto societário, donde “[...] *los niños en la escuela de zapatos, el pan y la justicia repartiéndose, como el sol se reparte en el verano*” (Ander-Egg, 1974, p. 9).

Ezequiel também era pai de muitas filhas. Ainda no início dos anos setenta dedicou seu livro a sua esposa (Norma) e a quatro de seus filhos (Javier, Pablo, Guilherme e Graciela). Padeceu a dor da morte de sua menina e foi submetido à pior das torturas, exposto à beira do desatino e da insensatez. Ander-Egg adotou dezessete filhos, contrariando não apenas pela quantidade, mas pelo fato de serem jovens na iminência da maioridade, atitude rara até os dias de hoje.

Em 2014 estava trabalhando na reescrita de alguns de seus livros, considerados seminais. E reaparece a religião, na dedicatória do livro de 1974 ganha destaque a citação de Romano Guardini, teólogo e conhecedor literário. A remissão desvela todo seu anticapitalismo romântico de viés humanista cristão e o apelo messiânico à prática política na lógica do socialismo utópico. “*Quem experimentou um pouco quanto feliz é dar e mesmo o autêntico receber, sente como seu coração se acende ao ter que falar sobre isso*”, a conclusão corrobora com a ênfase na defesa da mobilização e engajamento do — inespecífico — sujeito “povo”. Firmado sobre a areia de uma suposta essência benevolente “natural” do gênero humano, não enxergando nem [O] Príncipe, nem lobo na humanidade regida pelo capital e seu engodo.

A referência metafísica do trecho citado tem origem na Cúria Romana, numa corrente denominada “Movimento Litúrgico”. São os mesmos responsáveis por levar a cabo a reforma do Concílio Vaticano II. Deste grupo destacam-se líderes da Igreja de Pedro, tais como Papa Pio XI (da Ação Católica), Papa Pio XII (do “progressismo” de Jacques Maritain, forte influência no Brasil e no Serviço Social brasileiro), e o Papa João XXIII. É sutil e inteligente a forma que Ander-Egg recai na homília ou recorre insuspeito ao livro sagrado cristão. De posse da paleta do ecletismo, coloria as referências em tons de Lenin, Feuerbach, Guevara, Freire, Harnecker entre outros. Faz crítica desbotada e peculiar a Durkheim e quase imperceptível quanto a Mounier. O ranço imperialista o faz depreciar Richmond (mas

reconhece seu “engenhoso” pensar) e flerta com Weber, e se permitindo a fruição na arte vai de Neruda a Dostoievski, entre outros.

Ander-Egg recebeu, em 1967, a encomenda do diretor da escola de Trabajo Social da Universidade em que atuava, em Cuyo (Argentina), Luiz Fernandes, para a construção de um dicionário da profissão. Foi publicado em livro no ano de 1974. Sofreu diversas críticas pela obra, desde o espectro da direita até a esquerda. Ainda que polemizado, negado ou superado, Ander-Egg tratou de dinamizar o cenário de sua época como poucos. Afinal, o autor também estava contaminado pelos “achaques” e as “manias” de sua insidiosa corporação. Os jargões que tanto criticava entre os Trabalhadores Sociais lhe impediram de avançar na sua autocrítica. Persistiu arduamente no intento dessa produção, estava insatisfeito com a publicação da OEA de documento internacional que definia o repertório dos termos utilizados pelo Serviço Social, requeitando a perspectiva do *social work* norte-americano.

Fez “menção de aplauso” ao trabalho de mesma finalidade realizado pelo setor público do Serviço Nacional de Saúde chileno. Era um documento sobre a Terminologia Técnica de Serviço Social, com o apoio da Associação de Escolas de Serviço Social. Ao longo dos sete anos de pesquisa, o lexicógrafo consolidou a definição de 986 verbetes, superando os 500 fonemas definidos inicialmente no projeto.

Sob a neblina espessa do messianismo, o autor ainda não consegue visualizar a luz do farol que lhe permitiria encontrar a constatação necessária para seu entendimento sobre os dilemas políticos candentes na sua complexidade. A filiação teórica eclética que vai do marxismo à reivindicação existencialista, a defesa da teoria e da metodologia do Serviço Social, a equivocada concepção de suposto evolucionismo entre a assistência social e o trabalho social, e outros cem números de desvios de toda sorte são expressões desta névoa eclética que pairava sobre suas lentes. Os cinquenta anos que separam aquela geração e a atual não permitem qualquer descabido cotejo generalista. Há avanços extraordinários, resguardados os anacronismos e a extemporaneidade.

Ainda que na atualidade pareça superficial, para a época o avanço é expressivo. O autor descobre que “[...] *el curso de los últimos años (1969–1971) la corriente reconceptualizadora parece haberse escondido en múltiples direcciones y tendencias*” (Ander-Egg, 1973, p. 68). Nesse caso, sua nitidez é um exemplo! Classifica as tendências identificando sete delas, apresenta sua concepção política, cita a obra e o autor e a submete à crítica, mas não avança. Já pode ser visto em Ander-Egg de modo relativamente superficial mas presente, novos conceitos, tais como: Auto imagem (1973, p. 80); “marxismo de Marx” (1973, p. 80), não literalmente utilizando o termo brasileiro, “sem” Marx, mas com as bases para superação dialética; o apontamento da contradição que permite ao profissional exercer o que mais tarde será indicado como suposta autonomia relativa profissional (1973, p. 76); trata de apresentar a ideia de pluralismo e pluralismo político; reclama um projeto profissional articulado a luta e projeto societário de classe que nos anos noventa será debatido com maior ênfase. E ajudou a pavimentar o debate sobre formação e trabalho profissional na “Série ISI”, publicados pela ECRO em 1973, e seus suplementos que certamente inspiraram os Cadernos ABESS e seu debate teórico metodológico no Brasil dos anos 1980.

Podemos considerar que Ezequiel fez escola e, com o perdão da metáfora, tal qual o profeta, viu o avanço da luta de classes como a correnteza do Rio Quebar, padeceu à deriva na tempestade do fascismo nas águas sem vida no Mar Morto e, sem desistir ou perder-se, alcançou o mar Egeu. Mesmo diante do fatalismo apocalíptico do livro de João, viu esperança. Esculpiu a crítica ao Trabalho Social e a reconceitualização como fosse em pedra, mas estava sob as nuvens que se desmancharam no ar, no céu de algodão de seu humanismo cristão permitindo-lhe não mais que intuir a denominada “falta” de algo que possa manter a profissão nos rumos que professa. O que, entre outras razões, não fez com que pudesse avançar na construção do referido projeto profissional que defendia arduamente.

O estudo e a apreensão de elementos centrais da “dimensão política da prática do Trabalho Social” durante a reconceitualização por um lado catequizou trabalhadores sociais de distintos países com seu evangelho utópico e, por outro lado, alimentou a garra Mapuche resistindo pela prática política ao fatalismo. Ezequiel Ander-Egg foi ter com as águas do Estige levado por Caronte. Em quase um século de vida jamais deixou de navegar e, sua obra, uma “pequena porção de sua existência”, parece, a partir de hoje, equivaler-se à imensidão do mar.

Aos que leram este livro, ofereço o meu esforço, com tudo o que tem de imperfeito e limitado, mas cheio de amor e esperança, para colocar algo mais — na tarefa que a todos nos corresponde - para construir um mundo mais humano [...]. Por isso luto, por isso sofro, por isso amo, enfim, por isso vivo. Este livro é uma pequena porção da minha existência.”  
(Ander-Egg, 1974, p. 254).

## Referências

ANDER-EGG, E. *et al.*. **Del ajuste a la transformación**: apuntes para una historia del trabajo social. Buenos Aires: ECRO, 1975.

ANDER-EGG, E. **¿Qué es el Trabajo Social?** Buenos Aires: Editorial Humanitas, 1985.

ANDER-EGG, E. “**A história também é feita por pessoas comuns e humildes**”, entrevista com o sociólogo Ezequiel Ander-Egg. Instituto Humanitas Unisinos, 02 abr. 2014. Entrevista concedida à Verónica Engler, publicada em 31 mar. 2014. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/529845-a-historia-tambem-e-feita-por-pessoas-comuns-e-humildes-entrevista-com-o-sociologo-ezequiel-ander-egg#EGG2014entrevista>. Acesso em: 23 jun. 2024.

KRUSE, H. **Historia de la beneficencia y la asistencia social en el Uruguay**. Buenos Aires: Dinámica impresos, 1965.

KRUSE, H. En procura de nuestros origenes. **Cuadernos de Trabajo Social**, Montevideo, n. 3, 1994.

LIMA, B. **Contribución a la Epistemología del Trabajo Social**. Buenos Aires: Humanitas. 1983.